

XXXI CONGRESSO ALAS
URUGUAI 2017
03 a 08 de Dezembro – Montevideo
As Encruzilhadas Abertas da América Latina: A sociologia em tempos de mudanças

“GT 19 – Ações Coletivas e Movimentos Sociais”

MOVIMENTOS SOCIAIS, IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA: A prática política do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Ilse Gomes Silva¹

Resumo:

O texto apresenta a prática da mística como elemento ideológico da ação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e sua contribuição no enfrentamento à ideologia dominante. A mística está presente em todas as atividades do MST representando o cotidiano de luta e a resistência dos trabalhadores rurais contra a opressão e exploração ao mesmo tempo em que renova os laços emancipatórios necessários para manter vivo o projeto político de transformação da sociedade capitalista e constituir o sujeito coletivo da transformação socialista.

Palavras chaves: mística, ideologia, movimentos sociais

The text presents the practice of mystique as an ideological element of the political action of the Landless Rural Workers Movement (MST) and its contribution in confronting the dominant ideology. The Mystique is present in all the activities of the MST in representing the everyday struggle and resistance of rural workers against oppression and exploitation while renewing the emancipatory ties necessary to keep the political project of Transformation of capitalist society.

Key words: mystique, ideology, social movements

1. INTRODUÇÃO

O MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra iniciou o seu processo de organização nacional em Cascavel, Paraná, durante o 1º. Encontro Nacional dos Sem-Terra, em 20 a 22 de janeiro de 1984, em que participaram representantes da luta dos Sem Terra de 12 estados brasileiros e várias entidades envolvidas no apoio a essas lutas

¹ Profa. Doutora de Ciência Política da Universidade Federal do Maranhão/Brasil. ilse@terra.com.br

(MORISSAWA, 2001). Desde então o movimento se nacionalizou e, hoje², com 33 anos se mantém como um dos principais protagonistas das lutas sociais no Brasil e engrossa o movimento internacionalista anticapitalista.

O MST se diz herdeiro das diversas experiências de luta pela terra no Brasil, desde a luta dos indígenas contra os colonizadores portugueses, no século XVI, a resistência dos negros nos quilombos, dos camponeses de Canudos, das Ligas Camponesas na década de 1960 e dos diversos movimentos dos camponeses que lutaram contra a ditadura e pela democratização da sociedade brasileira. Também adiciona a sua herança política as contribuições da esquerda internacionalista e da Igreja Católica através da Teologia da Libertação. Desde manancial surge um movimento que em seu 1º. Congresso propõe a “lutar pela terra, pela reforma agrária e pelo socialismo³”. Em suas próprias palavras: “Queremos ser produtores de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: queremos ser construtores de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e com harmonia com a natureza”.⁴

Ao longo desses anos, o MST, em vários aspectos de sua prática política, tem avançado em relação à tradição da esquerda brasileira. Há uma preocupação em garantir a participação política das mulheres e jovens em todas as instâncias de decisão e de jornada de luta; suas bandeiras de luta ultrapassam o corporativismo, o localismo e alcançam o internacionalismo. Desenvolvem um projeto de educação voltada para a questão do campo e participam de brigadas nacionais e internacionais de solidariedade. Em suas jornadas de luta, nas ocupações de terra e de produção agroecológica nos acampamentos e nos assentamentos e nas grandes marchas ao centro do poder político denunciam e desafiam o grande capital do agronegócio, o aparelho jurídico político e repressor do Estado burguês e a grande mídia.

O MST, em seu cotidiano, pratica os “rituais do reconhecimento ideológico” ao realizar a mística, ao valorizar o trabalho de base e renovação da direção, ao se preocupar com a formação política de seus militantes, ao identificar os acampamentos e assentamentos com os nomes de seus heróis, que nasceram e morreram na luta da classe trabalhadora tornando-se eternos faróis de referência da construção da

² Em 2014, ao completar 30 anos, o MST realizou seu 6º. Congresso Nacional, em Brasília, nos dias 10 a 14 de fevereiro, com a participação de 16 mil pessoas de 23 estados do Brasil e o Distrito Federal. O lema adotado nesse congresso foi: “Lutar, construir a Reforma Agrária Popular”(<http://www.mst.org.br/nossa-historia/05-14>, consultado em 02/03/2017).

³ No 1º. Encontro Nacional dos Sem-Terra, em 1984 a palavra de ordem era “lutar pela terra, pela reforma agrária e luta por mudanças sociais no país”. Somente no 1º. Congresso, realizado em 29 a 31 de janeiro de 1985 que a palavra socialismo é acrescida aos princípios do MST. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Nossa História. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86>. Acesso em 09/03/2017.

⁴ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Nossa História. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86>. Acesso em 09/03/2017.

utopia; ao celebrar suas lutas em músicas e poesias demonstrando que é possível endurecer sem perder a ternura; ao definir suas datas comemorativas de acordo com os momentos mais marcantes dos seus processos de organização e conquistas; ao elaborarem seus símbolos a partir da cultura local e valorizando a contribuição de homens, mulheres, jovens, idosos e crianças. (SILVA e COUTINHO, 2013: 210)

Esse trabalho é resultante de projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal do Maranhão e constitui uma versão ampliada do texto apresentado durante a VIII Jornada de Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, em que refleti sobre a mística em seus aspectos ideológicos e emancipatórios e a sua contribuição no enfrentamento à ideologia dominante. Em todas as atividades do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST⁵ a mística está presente e se destaca pela forte carga de emoções e significados que é representada com as performances dos militantes. A mística envolve a todos. Em alguns momentos não é possível distinguir quem realiza a performance e quem a assiste. Ocorre uma perfeita interação e todos são tomados pela força da emoção de participar da luta por uma sociedade melhor.

A mística está presente em todas as atividades do MST seja de estudo, discussão, organização, planejamento, avaliação ou intervenção direta. A temática está vinculada à atividade realizada no momento e centrada no aspecto que se deseja realçar. Embora tenha um grupo para planejar a mística, ela sempre envolve a todos e lança mão de variados recursos como cenários, figurinos, músicas, poesias, danças, cartazes, altares e bandeiras do MST. No auto da mística geralmente há uma encenação que denuncia o cotidiano de opressão, exploração e dominação ao mesmo tempo em que celebra a solidariedade de classe, a unidade na ação política e renova a necessidade de manter viva a luta pelo socialismo.

A mística tem uma estética e uma simbologia que expressa a concepção de mundo e o projeto político que orienta a luta do MST. A prática política do MST constitui a mística em sua dimensão ideológica através da qual podemos identificar tanto os elementos de afirmação, contestação e negação da ideologia dominante quanto a criação de uma nova matriz ideológica que seja identificada com a luta de emancipação da classe trabalhadora.

Desvendar os mecanismos de funcionamento da ideologia dominante tem sido um empreendimento de muitos autores marxistas do mesmo modo que o combate a esses mecanismos e a construção de uma alternativa à sociedade burguesa constitui a tarefa dos

⁵ Agradeço a colaboração da direção estadual do MST do Maranhão pela disposição em fornecer material para a pesquisa desenvolvida e pela disponibilidade em discutir as questões colocadas nesse artigo.

militantes e dos partidos comunistas. Esse processo deve ser travado no cotidiano da luta emancipatória uma vez que é “no interior da velha sociedade (que se formam) os elementos de uma sociedade nova e a dissolução das velhas ideias acompanha a dissolução das velhas condições de existência” (MARX, 1996:85).

Adotamos como percurso de exposição situar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no contexto das lutas sociais contra o capital no Brasil e na atual conjuntura; resgatar o debate em torno da categoria da ideologia, de modo a oferecer o arcabouço teórico para a identificação dos elementos ideológicos contidos na prática política do MST que tencionam e/ou questionam a ideologia dominante e apontar os aspectos que estão presentes nessa prática política do MST, notadamente a mística, que indicam a construção de uma ideologia da classe trabalhadora

2. O CENÁRIO POLÍTICO DE INTERVENÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA.

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Foi a sexta economia mundial em 2011 e em 2016, com a crise econômica e política, caiu para a nona colocação. Em 2014, a crise mundial do capital atingiu o país com maior gravidade e provocou uma crise política que resultou no golpe parlamentar que derrubou a presidente Dilma Rousseff e impôs o governo ilegítimo de Michel Temer. Desde então uma série de reformas foram aprovadas no Congresso Nacional que atingiram drasticamente os direitos sociais conquistados pela luta dos trabalhadores ao longo das últimas décadas.

O Brasil é o décimo país mais desigual do mundo e o quarto da América Latina, de acordo com o índice de concentração de renda e assume a 79ª colocação segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para 2015 conforme divulgou a ONU⁶. No que diz respeito aos conflitos e assassinatos no campo os números indicam que tem crescido desde que se iniciou o governo golpista de Michael Temer. O relatório de violência no campo, divulgado pela CPT, mostra que em 2016 o número de assassinatos subiu assustadoramente. Enquanto em 2012 foram registrados 36 assassinatos de trabalhadores, em 2016 atingiu 61 trabalhadores e o mais alarmante é que em 2017, somente em cinco meses 37 trabalhadores foram assassinados. Esses resultados seguem a trajetória de violência do governo federal que

⁶ O estudo da ONU identificou outras desigualdades sociais no Brasil como a desigualdade de gênero e de participação política. http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/21/politica/1490112229_963711.html. Postado em 21/03/2017 e consultado em 24/06/2017

não mediu esforços e recursos financeiros para garantir a aprovação no Congresso Nacional das reformas constitucionais que atingem diretamente os direitos sociais e humanos dos trabalhadores.

No que diz respeito aos ataques aos direitos dos povos do campo, o Golpe veio agravar o que já estava a todo vapor. O comportamento da Bancada Ruralista na Câmara e no Senado foi o de atacar rápido e por todos os flancos os camponeses, trabalhadores rurais, aposentados rurais, quilombolas e índios. No pós-golpe, aquilo que já era um poder decisivo nas mãos dos ruralistas, que é o número de componentes da bancada, ganha mais força e efetividade com um presidente golpista no Palácio do Planalto. Foi criado um sentimento de que agora tudo pode para os ruralistas. (MITIDIERO JÚNIOR, 2017: 89)

Em entrevista à Comissão Pastoral da Terra Nordeste 2, o presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos, Darcy Frigo⁷, denuncia o aumento da violência no campo destacando as mudanças no caráter de ação dos latifundiários, do agronegócio e do próprio Estado, que deixa os trabalhadores completamente desprotegidos. A conjuntura do golpe tem a particularidade de colocar os trabalhadores sem garantias constitucionais, uma vez que o Executivo, o Legislativo e o Judiciário atuam em conjunto contra os trabalhadores, configurando um Estado de Exceção. A violência que antes era seletiva, na conjuntura do golpe, avança em termos de áreas e populações e atinge de modo generalizado os membros das comunidades rurais, tradicionais e indígenas. Para Frigo,

Se a criminalização sobe, do ponto de vista dos parâmetros de refinamento, no caso da violência do campo, ao contrário de outros tempos em que havia uma seletividade (lideranças), há uma generalização. Estamos vivendo a generalização da violência no campo no Brasil. A chacina de Colniza/MT, quando 9 homens, de 23 a 57 anos, foram torturados e assassinados em abril deste ano, revela isso: mata-se quem está na frente. Matam o pastor, a mulher, o homem, a criança. Matam quem aparecer na frente.

O apoio da bancada ruralista às reformas do governo de Michael Temer, teve como ponto fundamental, além dos recursos financeiros e anistia de dívidas previdenciárias a garantia do apoio do Executivo Federal a projetos como os que tratam da flexibilização da concepção de trabalho escravo e das medidas que modificam os termos da regularização fundiária rural, regularização fundiária urbana, regularização no âmbito da Amazônia Legal e o regime sobre os imóveis da União.

3. IDEOLOGIA, MÍSTICA E PRÁTICA POLÍTICA DO MST

⁷ <https://cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/geral/3863-estamos-vivendo-a-generalizacao-da-violencia-no-campo-no-brasil-afirma-presidente-da-cndh>. Publicado em 04/07/2018. Consultado em 05/07/ 2017

A categoria ideologia permite várias e polêmicas abordagens, no entanto, se concorda que a ideologia afeta a todos e se constitui em importante ferramenta de luta tanto conservadora quanto emancipatória. Apesar do termo ideologia ter entrado no campo da disputa política através dos estudos de Antoine Desfutt de Tracy, que, como membro do Institut de France, entra em polêmica contra Napoleão Bonaparte, foi pelos estudos de Marx e Engles, em *A Ideologia Alemã*, que a ideologia passa a ser abordada a partir de uma concepção materialista da história ao afirmarem que a divisão do trabalho constitui a base real da ideologia.

Para os autores de *A Ideologia Alemã*, “o primeiro ato histórico é, pois, a geração dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material em si”. (MARX e ENGELS, 2007: 50). O ser social se constitui no processo de satisfação de suas necessidades materiais, ou seja, ao forjar o mundo material o ser social tece as representações e estabelece significados de sua experiência material que são compartilhados de modo que “o que eles são, coincide com sua produção, tanto com o que eles produzem, quanto com o como eles o produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX e ENGELS, 2007: 42).

Esta concepção revela que a história não termina se dissolvendo na ‘autoconsciência’, na condição de ‘espírito do espírito’, mas que em cada uma de suas fases se encontra um resultado material, uma soma de forças de produção, capitais e circunstâncias que, mesmo que de um lado sejam modificados pela nova geração acabam por ditar a esta, por outro, suas próprias condições de vida e lhe imprimem um determinado desenvolvimento, um caráter especial – de que, portanto, as circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias. (MARX e ENGELS, 2007: 62).

O intercâmbio e a concorrência entre os indivíduos ocorrem à medida que as forças produtivas se desenvolvem e as diferentes relações de propriedade geram apropriação desigual do produto do trabalho. O trabalhador, o não proprietário dos meios de produção e proprietário de sua força de trabalho, tem o seu trabalho excedente apropriado pelo proprietário dos meios de produção.

A divisão do trabalho, as relações de propriedade e as relações de apropriação são as bases dos interesses de classes e toda classe social que aspira “implantar sua dominação” deve garantir as condições materiais, políticas e ideológicas de sua dominação de modo que o

seu interesse particular seja apresentado como interesse geral de toda a sociedade. O processo para garantir essa dominação se dirige à conquista do poder político de Estado, que para Marx “é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra” (MARX e ENGELS, 1996: 87).

A reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de sua qualificação mas também, ao mesmo tempo uma reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução de sua submissão à ideologia vigente, para os trabalhadores, e uma reprodução da capacidade de manipular corretamente a ideologia dominante, para os agentes da exploração e repressão, a fim de que também eles assegurem ‘com palavras’ a dominação da classe dominante (ALTHUSSER, 1996:108)

É a superestrutura jurídica-política e ideológica que garante as condições de reprodução das relações de produção, através do poder do Estado nos aparelhos repressivos do Estado e nos aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1996, POULANTZAS,1985). Segundo Althusser (1996) ambos os aparelhos de Estado têm como característica de funcionamento o uso da repressão e da ideologia, sendo, entretanto, em diferentes proporções. Enquanto o aparelho repressor lança mão majoritariamente da repressão e sua unidade “é garantida por sua organização, unificada e centralizada sob a liderança dos representantes das classes ocupantes do poder”, os aparelhos de ideologia funcionam majoritariamente pela ideologia e a unidade dos diferentes aparelhos “é garantida, em geral sob formas contraditórias, pela ideologia dominante, a ideologia da classe dominante” (ALTHUSSER, 1996: 118).

A classe que detém a hegemonia nos aparelhos de Estado possui os meios materiais necessários para garantir a dominação política e ideológica da classe trabalhadora uma vez que “as ideias da classe dominante são as ideias dominantes de cada época, quer dizer, a classe que exerce o poder objetivo dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual” (Marx e Engels, 2007: 71).

Nesse artigo adoto as contribuições de Althusser (1996) sobre ideologia em geral, principalmente quando afirma que nas sociedades de classe “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições materiais de existência” e “a ideologia tem uma existência material” (ALTHUSSER, 1996: 126 e 128). Essas duas teses expressam que a concepção de mundo dos indivíduos é uma relação imaginária do modo como vivem a sua realidade material e está inscrita em seus atos. Entretanto é bom deixar claro que a palavra “imaginária” para Althusser significa que os homens possuem uma representação da sua existência material. Em outras palavras:

Toda ideologia representa, em sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas decorrem), mas, acima de tudo, a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas decorrem. O que é representado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem (ALTHUSSER, 1996: 128).

Althusser avança em suas elaborações quando apresenta a noção de sujeito como constitutivo da ideologia ao afirmar que “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela”; e “não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para o sujeito” de modo que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1996: 131). A estrutura de funcionamento da ideologia contém um sistema quadruplo de

a interpelação dos ‘indivíduos’ como sujeitos; a sua sujeição ao Sujeito; o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, o reconhecimento dos sujeitos entre si e, por último o reconhecimento de si mesmo pelo sujeito; a garantia absoluta de que tudo realmente é assim e de que, desde que os sujeitos se reconheçam o que são e se comportem consoantemente, tudo ficará bem: ‘Amém – Assim seja’ (ALTHUSSER, 1996: 137).

De acordo com o autor, toda ideologia funciona em um processo dinâmico de interpelação/sujeição e seu nascedouro está localizado nas classes sociais e nas ações de confronto expresso pela luta de classes. Therborn, a partir das contribuições de Althusser e mantendo a concepção de funcionamento da ideologia, sugere substituir a dualidade interpelação/sujeição por interpelação/sujeição/qualificação por considerar que “embora qualificados pela interpelação ideológica, os sujeitos também se tornam qualificados para ‘qualificar’, por sua vez, a interpelação, especificando-a e modificando sua área de aplicação” (THERBORN, 1996: 51).

Essa exposição sobre a ideologia é importante para analisar a mística, vivenciada nas atividades do MST como expressão da “‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições materiais de existência”. No caso específico da luta política do MST essa “representação” pode ser observada na forma como os militantes retratam o seu cotidiano, sua luta pela reforma agrária e contra o capitalismo e seu projeto de sociedade.

Embora o termo “mística” nos remeta imediatamente a algo transcendental e religioso, para o MST ela retrata a realidade concreta vivida pelos sujeitos da luta. A mística expressa o cotidiano da luta, é a representação simbólica da luta. É dotada de muita emoção, contém os significados da organização, das conquistas, das dificuldades, das utopias. Com esse processo, eles são construídos e sujeitos são constituídos e todos se sentem participando de uma mesma experiência.

Ela é um recurso valioso na formação dos sujeitos históricos, tendo a capacidade de criar uma nova sociabilidade, que entra em choque com os mandos do capital. Junto a outros recursos formativos, ela tem o poder de ampliar a consciência dos militantes, ao mesmo tempo em que pode elaborar uma ideologia emancipatória capaz de se opor à ideologia dominante e reafirmar o sujeito como apto a lutar por uma sociedade coordenada pelos produtores livremente associados. (SOUSA, 2012: 12/13)

Para Sousa (2012:12), o ritual da mística tem sua origem na prática litúrgica da Igreja Católica ligada às Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais, cuja experiência faz parte da herança do MST. Ao adotá-la no seu cotidiano, o MST retirou o caráter religioso e transformou-a em importante instrumento político-educativo de leitura da realidade concreta a partir da qual provoca “uma mudança política, anima o sujeito e o habilita para sua práxis, evidenciando de forma realista os passos a serem seguidos pelos sujeitos”. Para o autor, a mística é uma importante colaboração do MST para os outros movimentos que também a adotaram como instrumento de motivação para a luta e o entendimento da realizada em que vivem.

O que podemos destacar pela observação dos rituais da mística em eventos do MST em âmbito nacional e no Maranhão é que não há um setor específico, dentro da estrutura organizacional do movimento, responsável pela realização da mística, há militantes destacados que elaboram a mística para determinado evento. Ela é organizada para retratar a discussão do momento, a temática do evento, celebrar alguma data, reviver algum momento da história de luta e preparar para novos enfrentamentos.

A mística é alimentada tanto pela tradição da cultura popular, de suas lendas, danças e personagens, quanto dos seus militantes, alçados a condição de heróis, de ícones da luta do movimento operário-popular e de intelectuais orgânicos do movimento. Nos encontros do MST estão presentes os cartazes com as fotos daqueles que deram a sua contribuição para a luta emancipatória tanto no campo político como no literário, educacional, artes, música ou que dedicaram sua vida ao processo de luta pela reforma agrária, de modo que ao lado de Marx e Engles, Lenin, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Fidel Castro, Cora Coralina, Paulo Freire estão também os militantes como Margarida Alves, Conceição Rosa, Oziel Alves, Ir. Doroty, Roseli Nunes, dentre outros.

O auto da mística não apenas descreve, mas faz uma leitura política da realidade, ao mesmo tempo em que denuncia, aponta as contradições e os desafios para a construção de um projeto de superação.

Cabe destacar que o auto da mística expressa uma leitura crítica da realidade e suas contradições em que o sujeito (trabalhador rural) se posiciona de modo autônomo diante

do Sujeito (classe dominante). Interpela o Sujeito como opressor, explorador e se qualifica como sujeito de sua própria história e alternativa de emancipação. Realça a importância da classe trabalhadora, o seu projeto político e os valores que devem orientar uma sociedade socialista. Pela mística, alguns desses valores já estão presentes no cotidiano, outros devem ser criados. Esses valores estão presentes, mas não de forma saudosista, por exemplo, na solidariedade do trabalho coletivo e preservação do meio ambiente das comunidades quilombolas e das aldeias indígenas. Os valores a serem criados nascem da crítica e do enfrentamento ao modo de produção capitalista e às ideologias dominantes como o machismo e o racismo.

Através da mística, o MST se contrapõe às ideias da classe dominante, representa a realidade do homem do campo e o sistema que o oprime, desmistifica o capitalismo como único projeto societário possível. Também questiona a ideologia presente nos diversos Aparelhos Ideológicos de Estado quando denuncia o compromisso da mídia com o bloco no poder, os projetos educacionais discriminatórios, a destruição do meio ambiente e a criminalização das formas de luta dos trabalhadores. Tudo representado com a linguagem discursiva dos próprios trabalhadores, de modo que quem assiste compreende e se sente representado porque vive o que é retrato, porque almeja um mundo melhor e porque se sente sujeito da transformação.

A mística questiona o senso comum e busca o bom senso afirmando que todos os homens são filósofos, conforme dizia Gramsci (2001: 93)

É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características desta ‘filosofia espontânea’, peculiar a ‘todo o mundo’, isto é, da filosofia que está contida: 1. Na própria linguagem, que é um conjunto de noções e conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2. No senso comum e no bom senso; 3. Na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por ‘folclore’”.

A prática discursiva da mística expõe uma batalha ideológica ao representar os trabalhadores como sujeitos de sua história e se contrapor à forma como a ideologia dominante os interpela como baderneiros e criminosos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MST ao longo de sua trajetória política se constituiu em principal movimento de massa do Brasil apesar da extrema violência que enfrenta na luta contra o agronegócio e o modelo de desenvolvimento que destrói suas plantações, o meio ambiente e assassina as lideranças continuamente. Seus militantes vivem sob o fogo cruzado das balas dos jagunços, do aparato jurídico político do Estado e do ataque dos meios de comunicação que os identificam como criminosos. Esse processo tenciona o projeto e a prática do movimento e gera uma série de barreiras estruturais e desafios políticos que coloca em risco seu projeto político emancipatório.

Esse cotidiano se defronta (e se opõe) com outro no qual seus militantes estão originalmente submetidos e sujeitados. No processo de produção agrícola, a cadeia de produção capitalista, as necessidades de sobrevivência e o arcabouço jurídico-político pressionam os trabalhadores a se sujeitarem ao agronegócio, à destruição do meio ambiente, à cultura massificada dos meios de comunicação, à discriminação de gênero, à hierarquização e elitização da direção política e à naturalização da corrupção. Confrontam-se com o discurso de que tudo deve permanecer como está, que o dever do cidadão é se submeter a autoridade instituída, é zelar pela manutenção da ordem como garantia para o progresso, ou em outras palavras, sua sujeição é a garantia de reprodução do sistema socioeconômico capitalista (SILVA E COUTINHO 210/11).

O projeto político do MST, materializado na sua luta anticapitalista, nos novos processos de organização da produção agroecológica, na valorização de uma educação libertária e na participação ativa dos militantes nos processos decisórios, é claramente contra a ordem e na contramão da ideologia dominante. Entretanto, as tensões decorrentes dos enfrentamentos com o modo de produção capitalista, com o arcabouço jurídico político e ideológico da sociedade burguesa e com governos de origem popular geram cotidianamente novos desafios ao movimento. Alguns desses desafios estão na pauta de preocupação do movimento, mas são difíceis de serem enfrentados, em parte devido às próprias contradições e disputas políticas no interior do movimento e também porque requer um processo de ação unificada do movimento da classe trabalhadora, o que não tem sido uma tarefa fácil no Brasil.

Compreendo que a mística é um importante instrumento discursivo de enfrentamento dos desafios colocados ao movimento, principalmente no aspecto da desmistificação da sociedade capitalista e da necessidade de renovação da disposição para a luta, considerando que através da mística o militante se reconhece como sujeito de uma luta e portador de um projeto emancipatório e novos rituais de reconhecimentos são elaborados e reelaborados. Mas possui limites e contradições que merecem ser problematizadas,

principalmente quando partimos do entendimento de que a ideologia tem sua base material nas condições de produção e reprodução do capital.

Na mística há uma forma de representar o mundo que se contrapõe a ideologia dominante da superioridade do homem branco ocidental, da valorização do cristianismo, da meritocracia, da supremacia do urbano e da competitividade. Acredito que apesar dos seus limites, a prática política do MST, ao realçar a estética oriunda da cultura popular e as experiências dos trabalhadores, oferece elementos para a construção de uma ideologia emancipatória da classe trabalhadora.

5. BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v. 01.

GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a política e o Estado moderno. 8ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A IDEOLOGIA ALEMÃ. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. 6ª. Ed. Petropolis: Vozes, 1996.

MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder e o socialismo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 1985

SILVA, Ilse Gomes e COUTINHO, Joana A. Ideologia e resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Anais do V Simpósio Internacional de Lutas Sociais na América Latina. Londrina, 2013. p. 205 a 215.

SOUSA, Rafael B. Rodrigues. *A Mística no MST: mediação da práxis formadora de sujeitos históricos*. Tese de doutorado (Sociologia) Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara, março 2012.

THERBORN, Goran. A formação ideológica dos sujeitos humanos. Lutas Sociais, n. 01. São Paulo: Xamã, 1996.